

A Atividade Artística do Docente como Motivação, Estímulo e Exemplo na Didática das Artes

The Artistic Activity of the Teacher as Motivation, Encouragement and Example in Arts Didactics

DORA IVA RITA*

Artigo submetido a 1 de abril 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: doraivarita.contact@gmail.com

Resumo: É frequente encontrar artistas plásticos recém-formados que veem no exercício da docência uma atividade ingrata, potencialmente castradora da sua produção artística. No entanto, são pessoas com este perfil — a de artistas plásticos em atividade — as que melhor conseguem desenvolver uma docência assertiva e profícua. Apresentam-se três formas de como um professor pode desenvolver um trabalho criativo paralelo ao que os alunos desenvolvem em aula, exemplificando a metodologia criativa, os processos técnicos e/ou tecnológicos ou as formas de apresentar o trabalho artístico produzido. Esta postura, que também é pedagógica, transmite aos alunos várias referências difíceis de assegurar sem essa prática paralela do professor, elevando a fasquia do nível de qualidade da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino artístico / artista / professor / didática das artes visuais / pedagogia aberta / ensino informal.

Abstract: *It is frequent to find newly formed plastic artists who see in the exercise of teaching a parallel activity, potentially castrating their artistic production. However, it is people with this profile — that of active plastic artists — who can best develop an assertive and proficient teaching. There are many ways in which a teacher can develop a creative work parallel to what the students develop in class, exemplifying the creative methodology, the technical and / or technological processes, as well as different attitudes to show the artistic work produced. This position, which is also educational, transmits students several references difficult to ensure without this parallel practice of the teacher, raising the bar on quality of learning level.*

Keywords: *Art education / Artist / teacher / Didactics of the visual arts / Open pedagogy / Informal education.*

Introdução

Para o artista plástico que ingressa no ensino parece existir uma antinomia de objetivos entre as duas atividades, a artística e a docente, o que iria contradizer qualquer uma delas, pois ambas requerem um total envolvimento. Considera-se esta oposição apenas aparente. Depois de uma formação artística a dinâmica criativa não pode nem deve ser reduzida nem adiada, mas sim assumida plenamente, tentando convergir todas as atividades que eventualmente se desempenhem num contexto global de vida.

Produção artística e docência não são atividades profissionais que se descartem depois de cumprido um horário e, além disto, ambas requerem uma plena abertura ao mundo.

Esta aproximação, parecendo incompatível e ingrata de gerir, pode coincidir sem constrangimentos ou bloqueios, porque o esforço passa apenas pela forma holística como se pensa e planifica. Objetivada uma em função da outra, com a abertura e o pragmatismo que qualquer pedagogia aberta exige, pode-se gerir uma coexistência bastante gratificante para o artista/professor, assim como para os alunos.

Entendendo existir um campo de soluções muito diversificado, percorreremos quatro situações em que se verifica o desenvolvimento de trabalhos artísticos paralelos aos que os alunos desenvolvem informal ou formalmente, numa exemplificação de possibilidades diferenciadas de metodologias criativas, processos técnicos e/ou tecnológicos, assim como de diferentes atitudes na apresentação do trabalho artístico produzido em coletivo. Estas posturas, que também são pedagógicas, transmitem aos alunos várias referências difíceis de assegurar sem essa prática paralela do professor, elevando e ampliando o nível da aprendizagem. Consideram-se três situações em que os artistas, não sendo professores integrados no ensino regular formal, ou sendo mesmo o que se pode entender por alunos em autogênese, colocam ao nível profissional da criação artística através de saber apresentar e/ou instalar os trabalhos realizados por crianças em diversos cenários. Por fim, apresentam-se duas situações que foram postas em prática no 3º Ciclo do Ensino Básico, uma em que o trabalho realizado em aula, como demonstração didática, foi posteriormente desenvolvido em obra autónoma pelo artista-professor, e uma outra ação em que a planificação inicial já se configurava com a realização paralela da obra do artista/professor.

1. O projeto *Morrinho*

O primeiro caso que apresentamos é uma história feliz de meninos de uma favela brasileira com muito poucos recursos, onde, de forma autónoma e endógena, desenvolveram uma brincadeira de rua que se evidenciou e se projetou por todo o



Figura 1 · *Projeto Morrinho*, 52º Bienal de Veneza, 2007.

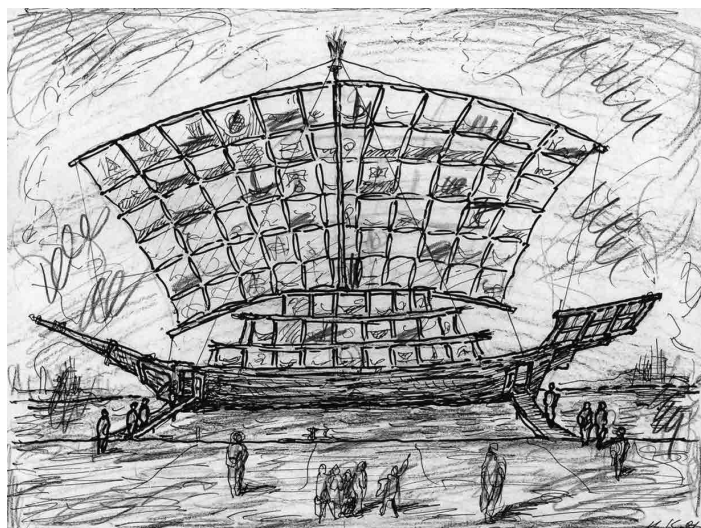


Figura 2 · Ilya e Emilia Kobakov, *Barco da Tolerância*, 52 Bienal de Veneza, Veneza.

Figura 3 · Ilya e Emilia Kobakov, *Barco da Tolerância*, desenho de projeto, 2005.

mundo como intervenção artística, desde a 52ª Bienal de Arte de Veneza (Figura 1) ao MOMA de Nova Iorque, passando por muitos outros eventos, museus e cidades.

O projeto *Morrinho* (1997-), instalado na favela Pereira da Silva, no bairro de Laranjeiras, no sul da cidade do Rio de Janeiro, pode-se definir como uma maquete inserida num espaço de cerca 350 m².

A simples brincadeira de crianças e jovens da favela rapidamente se transformou num espaço de convívio lúdico, uma proteção ao vandalismo e violência que assolavam a comunidade. Em vez de fazerem as aprendizagens da vida no difícil espaço real, no qual muitos sucumbiriam, estes jovens foram criando um outro universo à sua imagem, onde foram adquirindo ferramentas e experiências para lidar com o mundo e ultrapassar as suas limitações e confinamentos. Ali brincavam com tijolos, madeiras, vários materiais recuperados, bonecos de *Lego*. O *Morrinho*, como lhe chamaram por ser uma réplica do morro onde viviam, foi crescendo e os jovens também, tornando-se uns dinamizadores de outros mais novos, desencadeando um movimento grupal de aprendizagem informal. Atualmente, mais de 20 adolescentes seguem o exemplo da equipa fundadora.

Hoje, passada década e meia, *Morrinho* surge também como um modelo social para a própria favela, protagonizando um centro de divulgação da cultura multidimensional daquele meio, ajudando a integração e o reconhecimento dos recursos autóctones. *Morrinho* detém agora maior capacidade de criação artística, com vários meios, como o cinema, as artes plásticas, o teatro e a música. A solicitação da mostra do projeto tem vindo a aumentar em importância e quantidade, pelo que a logística das exposições e diversos eventos, principalmente os que são noutros países, está a cargo da produtora independente *TV Morrinho* (tv-morrinho@uol.com.br), coordenada por Cirlan Oliveira, representante do projeto (lancimorrinho2009@hotmail.com <http://cirlanoliveiraeprojetomorrinho.blogspot.pt>).

2. Ilya Kabakov (1933) e Emilia Kabakov (1945)

A segunda abordagem do ser artista/professor fazemo-la também a partir de uma situação de ensino informal, mas agora num sentido inverso da situação anterior, iniciada e continuada ao longo dos últimos 12 anos por dois artistas que trabalham em parceria desde 1989, Ilya e Emilia Kabakov (2016). Estes autores/artistas, com obra reconhecida mundialmente, trabalham sob o tema da tolerância com populações escolares de todo o mundo, abarcando um grande leque etário, desde a pré-escolaridade aos alunos do ensino secundário.

Interagindo com as estruturas institucionais e com os professores do ensino regular, os autores / artistas abordam e trabalham o tema com os alunos através



Figura 4 - Erzen Shkololli, 1998. Políptico de oito painéis com 210 cm de comprimento, instalação no CAPC — Musée d'Art Contemporain de Bordéus, 2011.

Figura 5 - Erzen Shkololli, 1998. Recortes e colagens de tecidos com base em desenhos de crianças, Van Abbemuseum, Eindhoven, Holanda, 2013.



Figura 6 · Dora Iva Rita, primeira peça realizada em aula. Argila cozida.

da construção de um barco utópico. Para além das aprendizagens adquiridas nessa ação coletiva surgem milhares de desenhos que são expostos como se fossem pano velico, força motriz de um barco, e a força coletiva destes barcos que transportam a ideia de tolerância.

A missão do *Barco da Tolerância* (2005 -) é educar para a tolerância, estabelecendo ligações entre a juventude de diversos continentes, culturas e identidade, unidos pela linguagem artística.

O *Barco da Tolerância*, que foi realizado pela primeira vez na cidade de Siwa, no Egito em 2005, tem sido concretizado por todo o mundo. Foi realizado e instalado em Veneza (Figura 2), em St. Moritz, em Sharjah, em Miami, em Havana, mais recentemente em Moscovo e em New York em 2014, e em 2016 em Zug (*Foundation: The Ship of Tolerance*, s/d). Em 2017 está programado ser realizado em Londres coincidindo com a retrospectiva da obra de Kabakov na Tate Modern.

Embora este seja um projeto artístico pessoal (Figura 3), Ilya e Emilia Kabakov desenvolvem conscientemente uma atividade didática e pedagógica aberta, numa abordagem informal do ensino básico da arte e através da arte.

3. Erzen Shkololli (1976)

Durante a guerra no Kosovo, Erzen Shkololli (1976) natural de Pejë, esteve retido durante três meses na cidade, de onde não podia sair. Nesse tempo de guerra participa num projeto humanitário nos campos de refugiados que consistia no

resgate e reabilitação de crianças com traumas de guerra através de desenhos sobre a realidade que as cercava, em pequeno formato, configurando postais. A partir desse material iconográfico, tendo acesso a tecidos na loja do pai e a uma máquina de costura, decide recriar essas narrativas pessoais transpondo-as para panos coloridos, desenvolvendo um conjunto de trabalhos com recorte de tecidos (Van Abbe Museum, 2013; Barsch, 2001).

Recorrendo à clareza, espontaneidade e força com que as crianças exprimem as suas emoções mas aplicando uma linguagem própria e contemporânea, constrói obras de forte densidade, num desenho límpido e expressivo, que nos transporta à síntese de Henri Matisse (1869-1954).

Numa destas suas obras (Figura 4) sente-se também a influência de Jean Lurçat (1892-1966), principalmente na composição, tanto pelo longo formato, como pelo tom escuro do fundo de onde surgem figuras luminosas, numa aproximação à emblemática tapeçaria *Le Chant du Monde* (1956-1965) de Jean Lurçat, exposta em 1966, um dos marcos da tapeçaria artística internacional.

Expôs pela primeira vez estas obras em 1998, logo após o fim da guerra, na cidade palco do desenvolvimento do trabalho, juntamente com os postais realizados pelas crianças — com certeza um passo para a interiorização do sucedido e, conseqüentemente, para a reabilitação e inclusão daqueles que participaram no projeto, assim como de toda a comunidade que nele se viu refletida (Figura 5).

As obras criadas por este autor são paradigmáticas da capacidade narrativa que reveste as mantas de retalhos e da potenciação catártica e curativa da expressão plástica, facilitadora da capacidade de resistência à violência da guerra.

A criação plástica resgata a liberdade a muitos níveis — mentais, emocionais, afetivos. A criação têxtil religa estruturas, *ipsis verbis*, e, ao consentir essa ação, encontram-se também padrões edificadores de mundos, sejam eles quais forem, porque todos têm a mesma lógica estruturante e construtiva (Ljungberg & Lira 2003).

4.

Consideramos de seguida dois casos circunscritos ao ensino regular, sendo que o primeiro se desenrolou a partir do normal acompanhamento letivo de um grupo de alunos do 9º ano numa aula oficial.

Esta ação que descrevemos está relacionada com a prática lectiva diária num Curso de Educação e Formação na disciplina de Oficina de Cerâmica, em que o artista/docente acompanha os alunos através da elaboração de uma peça elementar de sua autoria, explicando metodologias do trabalho em volumetrias de barro, pequenos preceitos, correção de gestos e de utilização do material, assim como demonstra o aspeto final desejável, situações que dificilmente todos

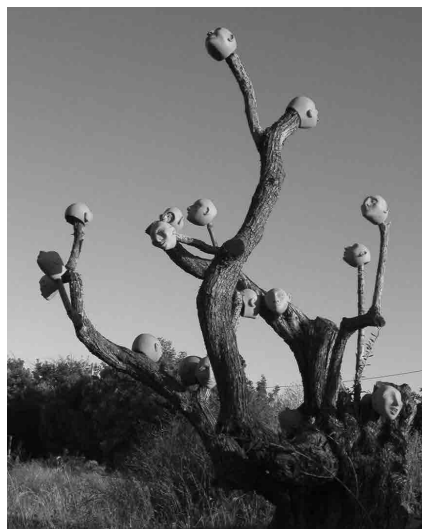


Figura 7 · Dora Iva Rita, *Espíritos da Terra*, 2008. Oliveira transplantada e cabeças de barro a selarem os troncos podados, Santa Bárbara de Nexe.



Figura 8 · Dora Iva Rita, *Ex Dádivas I*, 2012-2014. Moldes de corpos, pano cru, madeira de corte de pedra, fio de algodão, 300x100cm.



Figura 9 · Dora Iva Rita, *Ex Dádivas II*, 2012-2014.
Moldes de corpos, pano cru, madeira de
corte de pedra, fio de algodão, pedras marítimas,
têmpera azul, 250x100cm.

Figura 10 · Corpo completo por diversos moldes
diretos, 2012.

os alunos compreenderiam com eficácia através de outros recursos pedagógicos (Figura 6). Com esta atitude também há a vantagem da existência de um referente mais acessível e credível para uma autoavaliação dos resultados.

Partindo de uma dessas peças realizada em aula, o artista / docente desenvolveu uma instalação de exterior que intitulou *Espíritos da Terra*, apresentando mais tarde aos mesmos alunos todo o projeto, com os estudos e pressupostos conceptuais, a peça inicial, que eles já conheciam, e as fotografias da intervenção artística *in situ* (Figura 7).

Num segundo caso o professor arriscou em planificar as aulas de forma a integrar o produto do trabalho dos alunos num projeto seu, com autonomia e maturidade profissionais.

Dois peças intituladas *Ex Dádivas*, inicialmente denominadas *Teares Humanos* (Figura 8 e Figura 9), desenvolvidas em 2013 e expostas em 2014 na Escola Superior de Arte e Design do Porto, um dos núcleos expositivos paralelos à Bienal Internacional de Arte Têxtil, Contextile, em Guimarães, e na Galeria Municipal da Amadora em 2015, obras que têm por base o produto da colaboração dos alunos do 7º ano da disciplina de Oficinas de Expressão Plástica (2012-2013), através da planificação gerada circunstancialmente devido à redução para 50 minutos do tempo curricular semanal dessa disciplina.

Estes alunos realizaram, em grupo, moldes de diversas partes do corpo de cada um, numa interpretação do tema geral da escola “todos diferentes, todos iguais” (Figura 10). Embora o projeto inicial realizado com os alunos fosse a produção de esculturas humanas compostas por diversas partes de várias pessoas, cedeu-se ao impulso de produzir uma obra com um fundamento diferente, depois de se ter percebido a qualidade estética e a potencialidade de comunicação dramática de cada uma das peças compreendida separadamente (Figura 11 e Figura 12). Em debate chegou-se ao conceito de *ex votos* o que transformou a ideia inicial em duas obras de “teares humanos”, entretanto denominadas *Ex dádivas*, precisamente devido à atitude colaborativa dos alunos, em que estes consciencializaram a “oferta” dos seus corpos como moldes de parte importante da narrativa simbólica das obras criadas pelo professor.

Conclusão

As metodologias para o desenvolvimento de um trabalho concomitantemente artístico e letivo são muitas e diversificadas, dependendo de muitas variáveis. É fundamental abordar as duas áreas como sendo indissociáveis, sem inibições, preconceitos ou permeabilidades a juízos alheios, adaptadas de forma coerente e consequente a situações determinadas do ensino artístico formal ou informal, curriculares e

humanas, e em função de objetivos didático e pedagógicos claros e bem definidos.

Pode pensar-se que raramente se conjugam os fatores que possibilitam este tipo de situações, mas estas podem ser desencadeadas através de pequenas atitudes pedagógicas que germinam e acabam por possibilitar interações insuspeitadas entre a atividade artística e a docente.

Esta conjugação acentua a cumplicidade entre o professor e os seus alunos, desenvolvendo-se uma dinâmica extremamente positiva no grupo/turma ao nível da sedução da aprendizagem, que se torna fidedigna, do método de trabalho, onde se nota um maior empenho, e, fundamentalmente, da responsabilidade individual e de grupo, porque "trabalho de aula" passa a ter um sentido "sério" (real), o que é um fator de progressão e sucesso inestimáveis, não sendo uma mera atividade didática, ou, mais perigoso ainda, uma atividade lúdica. Pelo outro lado, o professor sente-se, inevitavelmente, muito mais motivado para o desempenho da sua atividade docente porque ela passa a ser um fator de progressão do seu trabalho artístico, ao mesmo tempo que assume a sua formação, vocação e ação criativa como artista plástico.

O ensino base das artes plásticas só tem sentido fundamentado se for ministrado por um docente apto e motivado para o desempenho da produção artística. Informado, inserido no meio, atento à atualidade, de modo a perceber as diversas dinâmicas e conceitos que se colocam à criação artística contemporânea, torna-se capaz de ir mais além no seu magistério ao detetar e poder orientar alguns alunos em opções de percurso no âmbito artístico, que, por regra, dificilmente são compreendidas pela família como possibilidade de realização, possibilitando assim à criança ou adolescente receber empatia e apoio precoces.

E, fundamentalmente, porque o ensino das artes visuais não passa apenas pelas aprendizagens de didáticas limitadas aos elementos básicos que estruturam a imagem, passa, sim, pela capacidade de converter essa didática na matéria do sonho, da utopia e da sensibilidade poética e filosófica do mundo, de modo a que o aluno perceba que pode modifica-lo.

Referências

Ljungberg, Joa; Lira, Rodrigo Mallea (2003). *Juntos*. Tirana: Tirana National Gallery.
 Barsch, Barbara (2001) *Beautiful Strangers* : *Albanische Kunst*. Stuttgart, Allemagne: Institut für Auslandsbeziehungen.
 Van Abbe Museum (2013) *Erzen Shkololli, Pejë, Kosovo*, 1998 [Consult. 10-04-2017] Disponível em URL: <http://www.vanabbemuseum.nl/en/programme/>

[programme/erzen-shkololli/Foundation: The Ship of Tolerance \(s/d\)](http://programme/erzen-shkololli/Foundation:The%20Ship%20of%20Tolerance%20(s/d)) [Consult. 10-04-2017] Disponível em URL: <http://www.shipoftolerance.org>
 Kabakov, Ilya & Kabakov, Emilia (2016). *Ship of Tolerance*. Zuh: Kunsthaus Zug. [Consult. 10-04-2017] Disponível em URL: http://www.shipoftolerance.kunsthauszug.ch/images/E_Doku_KabakovShipofTolerance.pdf